
INTRODUÇÃO

Na história do pensamento humano, Heráclito de Éfeso (cerca de 544/541 até 484/474) não ocupou, durante longos séculos, posição propriamente prestigiosa.

Em alguns de seus leitores deixou a impressão do perigoso relativista, iniciador que teria sido, na opinião deles, da doutrina de que nada existe de certo: tudo está em contínuo fluxo, tudo corre, *pánta rheî*, o ser, a verdade e o valor.

Outros viram nele o pessimista incorrigível. Cada vez, diziam eles, que o Efésio aparecia em público, chorava o infortúnio da vida. Foi destarte que o apresentaram, caricaturando-lhe os dizeres austeros, Sócion de Alexandria, professor de Sêneca; o próprio Sêneca (4 a.C. até 65 d.C.); Juvenal (ca. 60/70-140); Luciano de Samósata (ca. 115-200) e outros. Puseram Heráclito em flagrante contraste com Demócrito (ca. 460-370), o filósofo jovial, sempre a rir-se gostosamente do que no outro só provocava lágrimas¹.

Pelo público em geral, o livro heraclítico *Sobre a natureza, Peri Phýseos*, conforme lhe chamavam, era considerado o requinte do difícil e até do tenebroso.

1. Sócion de Alexandria aderiu, em Roma, a Q. Sextius (nascido ca. 70 a.C.), autor de um ecletismo composto de elementos estoicos, pitagóricos, platônicos e aristotélicos. Sêneca foi seu aluno de 18-20 d.C., e cita-o na *Epístola ad Lucilium* 108, 17-20. A frase de Sócion sobre Heráclito é conservada por Estobeu, *Florilegium* III 20, 53: “Em vez de irritar-se, Heráclito chorava. Demócrito ria-se”. Os textos de Sêneca sobre o Efésio e Demócrito: *De ira* II 10, 5; *De tranquillitate animi* 15, 2, transcritos em nossa tese de concurso: *O logos heraclítico*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1948, p. 212, onde é também indicado, como provável fonte de Sêneca, o livro de Demócrito *Peri euthymías*. Juvenalis Saturae X 28-34. L. Samosatensis, *Vitarum auctarium* c. 13-14. O texto de Juvenal e de outros autores, em nossa tese, *l.c.*

NB: Notemos a diferença entre os três adjetivos relativos ao nome de Heráclito: *heraclítico* designa o que é genuinamente do Efésio; *heraclitizante*, o que dele se aproxima, mesmo inconscientemente; *heraclíteu*, o que pretende ser ou provir dele, em realidade, porém, é apócrifo.

Sócrates (469-399), interrogado por Eurípides sobre qual sua opinião a respeito dele, teria respondido: “O que dele vim a compreender é magnífico; penso que deve sê-lo também o que não entendi; aliás, é preciso ser alguém mergulhador de Delos para lhe alcançar o sentido”. Fosse essa anedota autêntica, não lhe faltava o sal ático. Pois, se os mergulhadores délios eram famosos por descerem até às últimas profundidades de suas praias, igualmente ilustres seriam os que imergissem no pensar heraclítico: ele, porém, Sócrates, não figuraria entre estes privilegiados. E como não, perguntamo-nos nós, surpresos, se o próprio oráculo délfico negou haver pessoa mais sábia que a dele? (*Apologia* 30 d). Conviríamos, pois, em que a resposta socrática é bastante irônica, não perceberíamos imediatamente ser apócrifo o relato, inventado por quem, pretendendo assinalar a profundidade do Efésio, fez até o venerando mestre render-lhe preito e homenagem².

Da mesma difícil compreensão fala um dístico anônimo, conservado por Diógenes Laércio em sua *Vida de Heráclito*³. Sua leitura, admite ele, não é fácil; é tão penosa que, mal abrimos o rolo papiráceo, tornamos a fechá-lo, apressadamente. Ora, prossegue, não é assim que devemos proceder: tratemos de vencer a resistência daquelas folhas, recorramos a um mestre iniciado em seus segredos, e veremos os tenebrosos enigmas transformarem-se em luz resplandecente.

Desde o século III a.C., a tenebrosidade heraclítica passou a ser autêntico *tópos*, lugar-comum. Mesmo em Roma, onde, a partir de Cipião Emiliano (185-129), o pensamento helênico desfrutava do

2. D. Laércio, *De darorum virorum vitis* II 22, na biografia de Sócrates. Autêntica ironia é aplicada por Aristóteles: ao comentar a frase “dos discípulos de Hesíodo e de todos os teólogos” que “os princípios eram divinos e nascidos dos deuses”, ao passo que os seres nasceram mortais, “por não terem saboreado o néctar e a ambrosia”, observou ironicamente que semelhantes dizeres poderiam satisfazer àqueles, mas “transcendem nossa compreensão”: *Metaphysica* 1000 a 8-15, ou I. II c.4. O termo *skoteinós*, tenebroso, é aplicado ao Efésio pela primeira vez pelo Pseudo-Aristóteles, *De mundo* 5396 b; para o historiador Timon de Fliunte, em *Diog. Laertius* IX 1, 6, Heráclito é o *ainiktés*, o que fala em enigmas; qualificações que passaram a ser cognomes, como já observa Sêneca, *Ep. ad Lucilium* XII 7. Cf. também a vida de Apolônio de Tiana de Filóstrato I 9: nossa tese p. 213, n. 6.

3. *Diog. Laertius* IX 1, 6 e *Anthologia Palatina* IX 540. Cf. a tradução destes textos no Anexo: Tradição biográfica a 16, e a explicação em nossa tese, p. 213, n. 5.

mais alto prestígio, obstou-lhe essa sua fama. Lucrécio (99-55), por exemplo, sabe que a obscura língua do Efésio é insigne em terras gregas, mas, comenta desdenhoso, ela o é apenas para os néscios, e não entre pensadores sérios; pois, só criaturas fúteis deixam-se mistificar por palavras tão sonoras como absurdas. Cícero (106-44), iniciador da filosofia romana, sabe da mesma tenebrosidade, designando-a até pelo termo adequado de *skoteinós*; humano, porém, e inteligente, longe de censurá-la, tenta compreendê-la, descobrindo nela intenção proposital⁴.

Leitura difícil, críticas hostis, ironias e caricaturas: não deveriam elas ter eliminado o Efésio do rol dos autores lidos? Contudo, os mais distintos mestres helênicos continuam a apreciá-lo. Platão (427-348) e Aristóteles (384-322) ocupam-se dele repetidamente. Estoicos e céticos aproveitam-no, forçando-lhe o pensamento em favor de suas próprias teorias. Biógrafos e historiadores helenísticos, os Aríston de Céos, Neantes de Císico e Hermipo de Esmirna, colhem notícias sobre sua vida, reunidas, mais tarde por Diógenes Laércio (segunda metade do século III d.C.). Plutarco (64-120), o Imperador Marco Aurélio (161-180), os neoplatônicos Plotino (ca. 204-270) e Porfírio (234-304), Jâmblico (falecido ca. 330), e Proclo (410-485) conservaram-lhe fragmentos. E já muitos séculos antes, o autor do *Tratado sobre a nutrição, Peri Diáites*, escrito pelo ano de 400 a.C. e conservado no *Corpus Hippocraticum*, imita-o, enquanto uma série de nove epístolas, redigidas por adeptos da escola cínica, entre os séculos I/II d.C., soube aproveitar tão habilmente

4. *T. Lucreti Cari De rerum natura* I 638-644: Heraclitus inquit quorum dux praelia primus, clarus ob obscuram linguam magis inter inanis quam de gravis inter Graios qui vera requirunt. / Omnia enim stolidi magis admirantur amantque, inversis quae sub verbis latitantia cernunt, verque constituunt quae belle tangere possunt / auris et lepido quae sunt fucata sonore. Cf. Bailey e Giussani. – Cícero, *De finibus bonorum et malorum* II 5: Satisne igitur videor vim verborum tenere, an sum etiam nunc vel Graece loqui vel Latine docendus? et tamen vide, ne, si ego non intellegam quid Epicurus loquatur, cum Graece, ut videor, luculenter sciam, sit aliqua culpa eius, qui ita loquatur ut non intellegatur, quod duobus modis sine reprehensione fit, si aut de industria facias, ut Heraclitus, “cognomento qui *skoteinós* perhibetur, quia de natura nimis obscure memoravit”, aut cum rerum obscuritas, non verborum, facit ut non intellegatur oratio, qualis est in Timaeo Platonia. Epicurus autem, ut opinor, nec non vult, si possit, plane et aperte loqui, nec de re obscura, ut physici, aut artificiosa ut mathematici, sed de illustri et facili et iam in vulgus pervagata loquitur. Cf. na bibl. Krische.

ditos e fatos de sua vida que, até meados do século transato, os eruditos deixaram-se iludir, julgando-as escritas pelo próprio Efésio.

O mais notável, porém, é que por ele se tenham interessado escritores cristãos, como, entre inúmeros outros, Clemente (160-215) e Orígenes (ca. 185-253/254), ambos de Alexandria, Hipólito de Roma (falecido em 235), Nemésio, bispo de Êmesa (ca. 400), e Teodoreto, bispo de Ciro (morto em 458), ambas cidades da Síria: não só registraram fragmentos numerosos e importantes, como invocaram-no em apoio de doutrinas cristãs. Entre estas referências, a mais expressiva é a do platônico e mártir São Justino que, já pelo ano de 155, qualificou o Efésio e Sócrates de cristãos, porque ambos teriam vivido no *Logos*, isto é, no próprio Cristo⁵.

Ao descambar a época antiga, Heráclito começa a desaparecer. Continua sendo recordado no Oriente, onde, de vez em quando, é citado, por exemplo, por Eneias de Gaza, no Egito (segunda metade do século V); por Elias, metropolitano de Creta, provavelmente no século VIII, comentador das obras de São Gregório Nazianzeno; por autores bizantinos do século XII, entre os quais Eustácio, arcebispo de Salônica (falecido em 1194) e João Tzetzes (1110-1180), que resuscita o Heráclito soturno e o Demócrito alegre. Sobretudo foram os grandes dicionários gregos que consignaram várias notícias, o de Hesíquio (séc. IV), o do bizantino Suidas ou Suda (ca. 950), último representante do enciclopedismo erudito e conservador de

5. *Sti. Justini Apologiae Duae* I 46,3: “E os que viverem no *Logos* são cristãos, ainda quando tenham sido considerados ateus, assim como, entre os helenos, Sócrates e Heráclito e os que lhe foram semelhantes”. Na segunda *Apologia*, II 7,1 acrescenta que Heráclito foi odiado e morto por ter seguido a ordem estabelecida pelo *Logos*. Textos de Tertuliano e Santo Agostinho relativos ao Efésio encontram-se em nossa tese, p. 214-215, n. 9. É notável *Lactantius* (Lucius Caecilius Firmianus), *Divinae Institutiones* (escritas entre 304-313) IV a: “Melius Graeci *logon* dicunt quem nos *verbum* sive *sermonem*; *logos* enim et *sermonem* significat et *rationem*, quia ille est *vox* et *sapientia* Dei. *Hunc sermonem divinum* ne philosophi quidem ignoraverunt. Si quidem Zeno (id sicut Heraclitus) rerum naturae dispositorem atque opificem universitatis *logon* praedicat quem et *fatum* et *necessitatem rerum* et *deum* et *animum Jovis nuncupat*”. – Em sua segunda homilia (II 22) sobre o Evangelho de São João, observa São João Crisóstomo que o evangelista “pela sua presença corporal subjugou o centro da Ásia, onde antigamente os helenos haviam cultivado a filosofia; eliminou as trevas dos demônios e destruiu sua acrópole” (Migne, *Patrologia Graeca*, vol. 59, col. 31): visível alusão a Êfeso e ao Artemísio e, por isso, a Heráclito.

material, duvidoso às vezes, mas imprescindível, acrescentando-lhes o *Etymologium Magnum* (séc. XII). Ainda nesse mesmo século escreve sobre os pensadores pré-socráticos Ās-Sahrastāni, persa natural de Chorasán (falecido em 1153), transmitindo informações que parece ter retirado da *História dos filósofos* de Porfírio⁶. No Ocidente, porém, com a redução dos estudos gregos, sua memória extinguiu-se por completo. Sidônio Apolinário (430/433-488/490), bispo de Clermont, um dos derradeiros vultos da antiga erudição gaulesa, fala, em uma de suas epístolas (IX 9), de painéis, a ornamentarem ginásios, onde se viam, entre outros, “Heráclito, de olhos fechados, e Demócrito, risonho, de lábios meio abertos”. Entretanto, nos seis séculos seguintes, sua memória se desvanece de tal forma que, por exemplo, João de Salisbúria (1115-1180), ao recordar-se da figura alegre de Demócrito, pôde olvidar o companheiro triste. Apenas uns poucos eruditos têm notícia dele: um códice do século XII, com glosas do mestre Hisdoso sobre o comentário de Calcídio ao *Timeu* platônico, contém um fragmento; outros lembram-se dele graças aos livros aristotélicos trazidos, em parte, para a Europa pelos árabes, cujas publicações, desde meados do século XII, eram traduzidas pela Escola de Toledo, e em parte trasladadas, diretamente, do grego, quer na Sicília, desde a mesma época, quer cem anos mais tarde, pelo dominicano, e, em seguida, arcebispo de Corinto, Frei Guilherme de Mórbea⁷, de cujas versões muito se beneficiariam os mestres escolásticos.

6. Ās-Sahrastāni, W. Cureton (ed.), *Kitāb al-milal wa-n-nihal*. Londres: Society for the Publication of Oriental Texts, 1842, p. 253ss. sobre os pré-socráticos desde Tales; 296ss. sobre Heráclito, cf. Altheim; Stiehl, *Porphyrios und Empedokles*. Tubinga: M. Niemeyer, 1954, p. 10. Asín Palacios escreve em: *Obras escogidas* I. Madri: CSIC, 1946, p. 1-126 sobre o místico hispano-mourisco Ibn Masarra (falecido em 931), cultor da filosofia de Empédocles, de Filo e de Plotino: Altheim, *l.c.*, p. 39,1.

7. Sobre Sidônio cf. *infra*, o fim da última nota desta Introdução. O texto, que interessa também à representação de Heráclito na arte, é o seguinte: “... neque te satis hoc aemulari, quod per gymnasia pingantur Areopagítica, vel Prytaneum, curva cervice Zeusippus, Aratus panda, Zenon fronte contracta, Epicurus cute distenta, Diogenes barba comante, Socrates coma candente, Aristoteles brachio exserto, Xenocrates crure collecto, Heraclitus oculis clausis, Democritus risu labris apertis, Chrysippus digitis propter numerorum indicia constrictis eqs.” (Epistolarum 1. IX, epist. 9). - Sobre G. de Mórbea cf. Grabmann; G. di Moerbeke O.P., *il traduttore delle opere di Aristotele*. Roma: Pontificia Università Gregoriana,

Já no século XIII, sua posição melhora um pouco: Santo Alberto Magno (1206-1280), espírito tão vivo como universal, conservou-lhe um outro fragmento, registrando, além dos lugares-comuns, várias doutrinas. Ele também conhece os autores mouriscos, pois, sabendo embora que Heráclito era natural de Éfeso, cita uma versão arábica que o faz nascer na cidade de Karistos (acrescenta, porém, que os sarracenos não eram muito firmes na grafia de nomes próprios). Como seu ilustre mestre, Santo Tomás de Aquino (1225/1226-1274) sabe algo dos pré-socráticos e discute teorias atribuídas a Heráclito, em geral; os lugares-comuns: os seres sensíveis estão em contínua transformação, sendo impossível um conhecimento certo deles: não se pode entrar duas vezes no mesmo rio; afirmar é o mesmo que negar; o fogo, respectivamente o vapor, é o princípio material das coisas. Mas há também uma informação nova, ao que parece pouco percebida, que poderia aproximar-se do atual frg. 126b: “Se uma coisa cresce durante certo tempo, teria dito Heráclito, este seu crescimento realiza-se no correr de todo aquele período, mas insensivelmente, porque a quantidade acrescida é mínima”. Texto, por ora difícil de situar-se devidamente, que, de certo modo, lembra a passagem 155a-d do *Parmênides* de Platão, ou a doutrina pitagórica sobre a divisão contínua, mas, talvez, remonte a Proclo e seu comentário ao *Parmênides*, traduzido para o latim por Guilherme de Mórbeca. Poucos decênios mais tarde, João Duns Scotus (ca. 1265-1308) citaria igualmente, reportando-

1946. São igualmente importantes as traduções feitas por G. de Proclo, publicadas em: *Proclus Platonicus Philosophus*, Opera, V. Cousin (ed.), vol. I-IV. Paris, 1821/1827, em 2. ed. 1864. Desde poucos anos viemos a conhecer partes inéditas ou dificilmente acessíveis destas versões: R. Klibansky e C. Labowsky editaram, pela primeira vez, a última parte, até hoje desconhecida, do *Comentário ao Parmênides* 141e-142a, em: *Plato Latinus*, vol. III. Londres: Warburg Institute, 1953, p. 25-81. (O texto grego desta parte continua desconhecido; fatalmente, todo o Comentário não progride além da 1ª hipótese do Parmen.; sua continuação é a *Theologia Platonis de Proclo*.) De H. Boese, confira a publicação: *Procli Diadochi tria opuscula* (de providentia, libertate, malo), Latine Guilelmo de Moerbeka vertente et Graece ex Isaakii Sebastokatoris aliorumque scriptis collecta. Berlim: De Gruyter, 1960 (tradução publicada pela última vez em 1864 e esgot. desde longos anos; o texto grego é inédito). A importância de Proclo para a filosofia, particularmente na dialética, desde o “heraclitizante” Nicolau de Cusa até Hegel, é realçada por Klibansky, l.c., na Introdução IXss.

-se à *Metafísica* de Aristóteles, a frase de que as coisas se transformam continuamente⁸.

8. Os textos de Santo Alberto foram transcritos em nossa tese, p. 215-219, n. 10; os de Santo Tomás, *ibidem*, p. 219-220, n. 11, sendo notável *In Metaphysicam Aristotelis Commentaria lib. XI lect. VI*: “Ad cuius evidentiam sciendum est quod Heraclitus videns aliquid augeri longo tempore, puta per unum annum secundum aliquem determinatam quantitatem, et modicam, existimavit quod qualibet parte illius temporis aliquod augmentum fieret, sed insensibile propter parvitatem quantitatis quae augetur. Et ex hoc inductus fuit ad credendum quod omnes res, etiam quae videntur quiescentes, etiam insensibiliter moverentur continue, sed post longum tempus sensibiliter eorum motus appareret”. Apesar de sua diferença, talvez possa esse texto confrontar-se com o do *Parmênides* de Platão, 155a-d, atendendo-se ao comentário de A. Diès, na Introdução ao vol. *Parménide*. Paris: Association Guillaume Budé, 1923: “Rien de plus suggestif, au point de vue de l'idée mathématique de limite et de continuité, que la page curieuse où l'on montre que le rapport entre le plus jeune et le plus vieux tendent à s'inverser sans jamais y parvenir. La raison de ce devenir inverse, c'est cette proposition dont on cherche vainement la formule dans Euclide, parce que, probablement, elle n'est qu'une proposition de logistique ou arithmétique vulgaire: 'Si deux quantités inégales croissent de quantités égales, la fraction qui exprime leur rapport tend vers l'Un'" (p. 33-34). Nada resulta do confronto com a teoria da divisão continua segundo os pitagóricos: cf. sobre esta, S. Heller, *Die Entdeckung der stetigen Teilung durch die Pythagoreer*. Berlin: Akademie-Verlag, 1958. - A Santo Tomás de Aquino continua sendo atribuído por certos editores o tratado alquímico da *Aurora Consurgens*, publicado por M.-L. von Franz, em: C.G. Jung, *Mysterium Coniunctionis*, vol. III. Zurique: Rascher Verlag, 1957. No comentário a este texto estranho, o editor reporta-se a Heráclito: p. 146-147, n. 60: a representação de uma consciência cósmica, correspondente ao “saber absoluto” de Jung, tem sua analogia no Tao chinês e no fogo heraclítico: p. 342 n. 21: o frg. 6 de Heráclito confirmaria a doutrina de Zósimo de Panópolis (fins do séc. III d.C., em: Berthelot, *Collection des anciens alchimistes grecs*. Paris: G. Steinheil, 1888, vol. I, 218 e 341; II 12) que os elementos deveriam ser transmutados em si, visto como neles se diferenciavam apenas as qualidades, não a substância; p. 392: no fim do tratado, cap. 12 (p. 126), ocorrem umas breves linhas, sem paralelo religioso, de sabor paganizante, espécie de “hino fálico”, semelhante aos que diz Heráclito no frg. 15 serem entoados em louvor de Dioniso-Hades, alusivas, pois, às aberrações dos filhos do século. - Foi contemporâneo de Santo Tomás o flamengo Siger de Brabante (1235-1284): comentando textos de Aristóteles, cita várias vezes o Efésio: *Siger de Brabant d'après ses oeuvres inédites*, par Fernand van Steenberghen, 2 vols. Lovaina: Éditions de l'Institute Supérieur de Philosophie, 1931/1942: I 177, 233 e 319; e: *Siger de Brabant Questions sur la Métaphysique*, texte inédit, par C.A. Graiff. Lovaina: Éditions de l'Institute Supérieur de Philosophie, 1948: com referência a Aristóteles, *Metaphysica* IV 3 e 4, 1005b e 1006a: “sicut dicitur de Heraclito quod ipse existimabat idem simul esse et non esse”: o lugar-comum, portanto, da negação, pelo Efésio, do princípio da contradição. J. Duns, *Opus Oxoniense* I dist. 3, quaestio 4, n. 2-4 da ed. de Wadding, vol. V, p. 477-478, Lyon, 1639; e: *Reportata Parisiensia* I dist. 2, quaestio 2, n. 7, da mesma ed., vol. XI, pars I, p. 29, Lyon, 1639. Na edição

Entre os humanistas da Renascença, o Efésio recomeça a ser lembrado, provindo seu conhecimento já dos próprios textos gregos, cujo estudo estava sendo reiniciado.

O *princeps* entre eles, Francisco Petrarca (1304-1374), não chegou a aprender, a fundo, o grego, mas tem conhecimento de Heráclito por meio de Cícero. Uma vez comenta-lhe a frase: “In idem flumen bis descendimus et non descendimus”, mas, fatalmente, confunde-lhe o nome com o de Heráclides do Ponto, aluno de Platão⁹, equívoco a repetir-se, mais tarde, de quando em quando, até nossos dias.

crítica das obras de Scotus: *Ordinatio* I, dist. 3, pars 1, quaest. 4, n. 219 e 246, no vol. III, p. 133-134 e 145-150. Cidade do Vaticano: Typis Polyglottis Vaticanis, 1954. A obra do difícil “Doutor Sutil” pode agora tornar-se mais acessível através da edição bilingue, texto latino e tradução espanhola: *Obras del Doctor Sutil Juan Duns Escoto*, publicado na Biblioteca de Autores Cristianos. Madri: La Editorial Católica, 1960. – Um aluno e, mais tarde, adversário de Duns, o franciscano inglês Walter Burleigh (Burlaeus, 1275-1337), escreveu uma Vida dos filósofos, *De vitis philosophorum*, editio princeps, Colônia, 1472, inexistente em nossas bibliotecas.

9. F. Petrarca, “Rerum memorandarum 1 III”, em: *Opera*, p. 508. Basileia, 1554. Novamente Petrarca o denomina Heraclides em *Rer. memor. 1. I* p. 451, onde, ao falar de Platão, diz que este “Heraclidis primum sectator fuit”. No mesmo livro, p. 450, cita ao tratar de Pitágoras, “Pontium Heraclidem”, reportando-se às Tusculanas de Cícero (lib. V 8, p. 407, 21, quando Cícero no mesmo 1. V 705, p. 451, 11 cita Heráclito de Éfeso). Este Heraclides, natural de Heracleia, no Ponto, e por isso mesmo chamado Heraclides Ponticus, dirigiu, durante a última viagem de Platão, em 361, a velha Academia, e, evidentemente, nada tem que ver com Heráclito de Éfeso. Em outra página, no *Trionfo della Fama*, cap. III, v. 82, alude à tenebrosidade heraclítica: “Vidi in suoi detti Eraclito coperto”: *Rime di Francesco Petrarca, con l'interpretazione di Giacomo Leopardi*. 4. ed. Florença: Le Monnier, 1854, p. 386. Petr. fala de seus estudos gregos em: “Rer. memor. 1 II”, em: *Opera* 464; *Familiarum rerum* XVIII 2, 7-9 e XXIV 12, 35 (facilmente acessíveis na bela ed. da *Edizione Nazionale delle Opere di Francesco Petrarca*, vol. XII e XIII. Florença: G. C. Sansoni, 1942), *Rerum senilium* III 6, V 1, VI 2, XI 9, e *De ignorantia sui ipsius* (*Opera* 1162). Cf.: P. de Nolhac, *Pétrarque et l'humanisme*. Paris: E. Bouillon, 1892, e, sobretudo, *Les études grecques de Pétrarque*. Paris: Imprimerie Nationale, 1888. G. Voigt, *Die Wiederbelebung des Klassischen Alterthums* I. 3. ed. Berlin: Georg Reimer, 1893, p. 47-48: Petrarca iniciou esses seus estudos em 1335, com o basiliano calabrês Barlaamo, recomeçando-os, após longa interrupção, em 1353, com o nobre bisantino Nicolaos Sigeros, tendo ambos os mestres vindo de Avinhão. Notemos E. Muntz, *Raphael, sa vie, son oeuvre et son temps*, nouvelle éd. Paris: Librairie Hachette, 1886, p. 333: “Dans son ‘Trionfo della Fama’, Pétrarque a célébré, à côté des guerriers, les philosophes et les poètes, Platon et Aristote, Pythagore et Socrate, Homère et Virgile, Zéno et Diogène, Héraclite et Démocrite, Zoroastre”, e acrescenta, reportando-se a outro livro